

Artigo de Marcelo Henriques de Brito no Jornal do Comercio em 25 de outubro de 2007

Jornal do Comercio - Quinta-feira, 25 de outubro de 2007 A-19

**OPINIÃO**

# Habilidade lusíada reiterada na Europa

**MARCELO HENRIQUES DE BRITO**  
ADMINISTRADOR E ENGENHEIRO, DIRETOR DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO (ACRJ) E SÓCIO DA PROBATUS

Na sexta-feira, 19 de outubro de 2007, chefes de Estado e de governo dos 27 países membros da União Européia acordaram o Tratado de Lisboa a fim de aprimorar o funcionamento de uma união, que começou há 50 anos com o Tratado de Roma (vide [www.europa.eu](http://www.europa.eu) ou [www.eu2007.pt](http://www.eu2007.pt)). Embora sejam percebidas as vantagens da Europa fortalecer a sua coesão, nomeadamente maior poder geopolítico, fortalecimento da democracia e integração do mercado interno, foi preciso contornar a sensação de que alguns países poderiam estar a receber mais benefícios ou a fazer poucas concessões, nomeadamente quanto à sua soberania e sua representatividade nas decisões da UE. Outro importante desafio era compor um acordo palatável pela opinião pública, que precisa distinguir temas domésticos circunstanciais das grandes questões européias.

"Será que os governos democráticos conseguirão o mesmo apoio popular, união e entusiasmo que os governos totalitários ao arremessar soldados para combates bélicos?", pergunta que lancei no livro "Crise e Prosperidade Comercial, Financeira e Política", após aludir a um passado nada distante quando vários imperadores e ditadores europeus canalizaram os ânimos populares e as rixas decorrentes de diferenças culturais para guerrear ante graves problemas políticos, sociais e econômicos. De fato é mais complexo acomodar interesses numa negociação multilateral, até pela dificuldade de lidar com as diferentes línguas e formas de se expressar.

É, portanto, louvável que os países da UE tenham chegado ao Tratado de Lisboa, porém não foi só por acaso que tal consenso ocorreu sob presidência portuguesa da UE, até mesmo ao notar que pertencem a partidos políticos diferentes o primeiro ministro de Portugal, José Sócrates, e o presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão

**Naturalmente, a cultura lusíada absorveu uma flexibilidade para conviver com estrangeiros, o que favoreceu o pioneirismo de Portugal na globalização e os êxitos do país em negociações diplomáticas internacionais**

Barroso. Acontece que ambos comungam no estilo amigável de negociar dos portugueses, povo que têm prazer, inteligência e paciência para buscar o entendimento por meio de uma boa conversa. Ademais, Portugal resulta de uma singular mistura de povos, tal como se pode visualizar, até 10 de fevereiro de 2008 no Rio de Janeiro, na exposição "Lusa - a matriz portuguesa". Naturalmente, a cultura lusíada absorveu uma flexibilidade para conviver com estrangeiros, o que favoreceu o pioneirismo de Portugal na globalização e os êxitos do país em negociações diplomáticas internacionais, tal como relatou o britânico Martin Page no livro somente disponível em inglês: "The first global village: How Portugal changed the world" (A primeira aldeia global: Como Portugal mudou o mundo). Esta obra chega a indicar que na época de Vasco da Gama "o idioma português veio a substituir o árabe como 'língua franca' da Ásia" nas negociações comerciais e políticas.

Apesar da índole pacífica, os portugueses retiveram a mensagem do provérbio em latim "Si vis pacem, para bellum" (Se desejas a paz, prepare-te para a guerra) ao construir inúmeras e impressionantes fortalezas, estrategicamente posicionadas mundo afora, inclusive no litoral e no interior do Brasil. Aqui também se desenvolveu o comportamento pacífico da cultura lusíada, que entretanto reage a provocações, pois, após enaltecer a "paz no futuro", se canta no Hino Brasileiro que, se for necessário, "verás que um filho teu não foge à luta".

A habilidade lusíada para negociar e integrar países aflorou igualmente no que foi aceita a proposta portuguesa da UE estabelecer com o Brasil uma 'Parceria Estratégica', que começou na Cimeira UE-Brasil em Lisboa em 4 de julho de 2007. Três dias depois, o Corcovado foi eleito uma das sete maravilhas do mundo com votos de muitos portugueses.

Juntos, Brasil, Portugal e os demais países de língua portuguesa devem agora implementar a reforma ortográfica que já acordaram entre si, para em seguida negociarem com o mundo a oficialização do idioma português na ONU e reiterarem o compromisso dos países lusófonos com o desenvolvimento, a concórdia entre os povos e a paz.